

SENTIDOS DO PROEJA PARA HOMENS E MULHERES EGRESSOS DOS CURSOS TÉCNICOS

Céli Mariano **Jorge** – UFPR/SEED-PR

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

O presente artigo teve como objetivo fazer uma reflexão sobre os diferentes sentidos atribuídos por alunos e alunas egressos dos cursos técnicos do PROEJA¹. Foram entrevistados 85 alunos egressos, sendo 57 mulheres e 28 homens. O suporte teórico e metodológico para as entrevistas foi buscado em Pierre Bourdieu e consistiu em dar voz aos entrevistados situando os relatos em seu contexto particular, sob as interferências dos determinantes estruturais. Os resultados mostram uma maior presença de mulheres nos cursos do PROEJA e evidenciam que os sentidos atribuídos pelos homens diferem dos sentidos atribuídos pelas mulheres, uma vez que prevalece uma visão androcêntrica no pensamento que determina e direciona as ações no campo social e interfere na apreensão da realidade. Nos cursos da área da indústria todos os entrevistados foram homens, enquanto que nos cursos da área da saúde houve predomínio de mulheres. Tais fatos evidenciam a divisão sexual do trabalho com funções específicas a serem exercidas por homens e mulheres.

Palavras-chave: PROEJA. Sentidos. Educação de Jovens e Adultos.

SENTIDOS DO PROEJA PARA HOMENS E MULHERES EGRESSOS DOS CURSOS TÉCNICOS

1. Introdução

Ao analisar os dados de uma pesquisa realizada com alunos egressos dos cursos técnicos do PROEJA, chamou-nos a atenção os diferentes sentidos

¹ Programa Nacional de Educação Profissional integrada à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, instituído pelo Decreto Federal nº 5.840/2006.

atribuídos por homens e mulheres que participaram das entrevistas. Tal fato nos instigou e refletir sobre os fatores culturais e psicossociais que interferem e conduzem o pensamento de homens e mulheres na organização e estruturação da vida social e nesse caso, nos sentidos do curso.

De uma forma geral, as representações elaboradas decorrem de um processo cultural que determina os papéis a serem desempenhados para ambos os gêneros nas diversas sociedades a partir de uma valorização da atuação masculina. A raiz de tais diferenças está assentada em valores sexistas estabelecidos historicamente pelas diversas sociedades dando origem a conceitos e normas que situam a mulher em posição de inferioridade em relação ao homem. As referências históricas e religiosas conferem à mulher uma participação inexpressiva, como um ser formado a partir do homem para servi-lo.

Essas ideias androcêntricas são ressaltadas em postulados de grandes pensadores da antiguidade, tal como Aristóteles ao tentar explicar a fecundação e o desenvolvimento da vida. Para esse filósofo grego que viveu no ano 300 a C, o princípio da vida estaria no sêmen do macho, a mulher teria um papel secundário relacionado à proteção e alimentação do novo ser durante a fase do desenvolvimento, pensamento que perdurou por toda a idade média.

Outro fato que mostra a continuidade dessas ideias foi destacado no século XVIII pelo naturalista holandês Leuvenhhoek ao visualizar pela primeira vez os espermatozoides em microscópio. Qualificou-os como animálculos, os quais conteriam em seu interior um homem ou mulher pré-formados, visão que desconsiderava a participação da mulher no processo de fecundação. Ideias que só foram modificadas a partir dos estudos e elucidações da ciência possíveis em cada época.

Sobre a questão da dominação masculina, Bourdieu (2010) explica que estaria relacionada a um sistema de estruturas duradouras reproduzidas tanto objetivamente como subjetivamente, uma vez que seriam inscritas nos corpos e nas mentes. Dessa forma, seriam responsáveis pela organização da realidade social e das percepções e representações que os indivíduos fazem da realidade, de si mesmos e dos outros.

Tal apreensão ocorreria a partir de vias simbólicas, ou seja, sem violência aparente, impondo aos indivíduos uma coerção direta, porém, “suave”

capaz de conseguir o reconhecimento e aceitação tanto dos homens quanto das mulheres nas formas de organização da vida social.

Portanto, são conceitos que perpetuaram a história da humanidade e enaltecem uma superioridade do homem em relação à mulher a partir de uma epistemologia histórica e religiosa que se encontra arraigada, em outras proporções, ao tempo atual, como podemos observar no presente trabalho.

Os dados aqui analisados integram uma pesquisa realizada em curso de doutorado em educação, na qual foram entrevistados 85 alunos egressos dos cursos técnicos do PROEJA, sendo 57 mulheres e 28 homens. O estudo em questão teve por objetivo destacar os diferentes sentidos atribuídos por alunos e alunas dos cursos, à luz dos fatos socioculturais que estruturam e organizam o espaço social.

O suporte teórico e metodológico das entrevistas foi buscado em Bourdieu (2003), nas quais se procurou dar voz aos entrevistados através de uma escuta ativa e metódica que considerou os relatos dos egressos em seu contexto particular e as interferências dos determinantes estruturais que orientam as ações coletivas.

O desenvolvimento do artigo está organizado em quatro tópicos: A maior presença de mulheres nos cursos do PROEJA; As razões da interrupção anterior dos estudos; Motivos da procura pelo PROEJA; Situação de emprego e continuidade dos estudos após a conclusão do curso do PROEJA.

2. A maior presença de mulheres nos cursos do PROEJA

As mulheres foram predominantes entre os egressos dos cursos técnicos do PROEJA, numa proporção de 57 mulheres para 28 homens, embora tenha ocorrido variação dessa proporção entre os cursos. No curso de Eletromecânica, por exemplo, todos os entrevistados foram do sexo masculino, o mesmo foi observado em Logística. Já em Construção Civil, dos três entrevistados, uma era mulher. Por outro lado, nos cursos de Nutrição, todas eram mulheres, e nos de Enfermagem, Secretariado e Agente Comunitário de Saúde foi encontrado somente um representante do sexo masculino em cada

curso. Nos demais cursos, a distribuição entre homens e mulheres foi mais proporcional (TABELA 1).

A maior presença de mulheres ou de homens em determinados cursos é um reflexo cultural e está relacionada à própria divisão sexual do trabalho. Essa divisão atribui determinados papéis aos homens e mulheres nos processos de trabalho; destinam-se às mulheres os trabalhos considerados mais leves e com menor exigência intelectual e aos homens aqueles que exigem maiores atributos e conhecimentos técnicos (HIRATA, 2002). Isso quer dizer que enquanto as áreas de trabalho intensivo, de atendimento e cuidados com a saúde são reservadas às mulheres, aquelas caracterizadas por maior incremento tecnológico e científico, como nos cursos da área da indústria, são majoritariamente destinadas ao trabalho masculino.

TABELA 1 - DADOS COMPARATIVOS ENTRE OS ALUNOS MATRICULADOS, CONCLUINTES E OS ENTREVISTADOS NOS CURSOS DO PROEJA PESQUISADOS.

Cursos Pesquisados	Matriculados		Concluintes		Entrevistados	
	F	M	F	M	F	M
Administração capital	22	19	6	3	4	1
Administração interior	21	18	7	4	3	2
Agente Comunitário de Saúde	34	3	8	1	8	
Construção Civil	8	10	1	3	1	2
Eletromecânica	8	56		12		10
Enfermagem	33	2	15	1	10	1
Informática	14	24	4	6	3	3
Logística	17	13	5	3		2
Meio Ambiente	23	16	12	2	8	1
Nutrição	23	2	10		8	
Secretariado	15	7	6	2	4	1
Segurança do Trabalho	21	25	13	11	8	5
Total	239	195	87	48	57	28
Percentual	55%	45%	64%	36%	67%	33%

FONTE: Dados coletados na pesquisa.

A predominância de mulheres ocorreu desde a matrícula até a conclusão dos cursos, sendo maior também entre os alunos que participaram da pesquisa. Contudo, ao compararmos os alunos matriculados com os concluintes, observamos que houve um aumento percentual em torno de 10%

do número de mulheres que permaneceram até a conclusão dos cursos, o que pode indicar uma maior persistência e determinação por parte das mulheres em relação aos homens.

Dados semelhantes foram encontrados em Barbosa (2009, p.57) ao analisar a relação entre o gênero e o desinteresse pelos estudos: “os valores demonstrados evidenciam que os homens chegam a apresentar quase o dobro do desinteresse pelo curso que as mulheres”.

Apesar das discussões e estudos que mostram a busca das mulheres pela inserção, tanto nos estudos quanto no trabalho, em todas as áreas, mesmo naquelas de domínio dos homens e dos posicionamentos contrários à divisão sexual do trabalho, o que se pode observar é uma inserção tímida e subordinada das mulheres. Ao adentrar os espaços considerados masculinos, as mulheres sofrem pela desigualdade e desvalorização do seu desempenho, além da hierarquização em prol da masculinidade, o que justifica a pequena inserção das mulheres em algumas áreas, haja vista nenhuma presença feminina no curso de Eletromecânica.

De acordo com o pensamento de Bourdieu (1998), isso seria uma consequência da impregnação de dominação de símbolos e de valores que demarcam uma estrutura de poder. Esta dominação androcêntrica foi se perpetuando, na medida em que os significados foram sendo incorporados e naturalizados, possibilitando sua reprodução por meio do *habitus*, sob as condições objetivas que se estabeleceram com as instituições e divisão do trabalho.

Nas falas das mulheres entrevistadas, verificamos uma visão marcada pelos antigos papéis sociais, tais como a obrigatoriedade das mulheres em cuidar dos filhos, enquanto ao homem caberia o papel de provedor dos recursos financeiros. Ou ainda, a culpa, por se ocupar com outra atividade além da família, o que demonstra a permanência da ideia de que a mãe só deve ter tempo para os filhos e para as tarefas do lar, mesmo que este tempo passado longe deles fosse para seu engrandecimento pessoal e profissional, como podemos notar nesta fala: “[...] eu não ia conseguir sair pra estudar se não tinha com quem deixar o meu filho” (Marta - Curso Técnico em Enfermagem). Por outro lado, não se observou a mesma situação em relação

aos homens durante os seus relatos, o que leva a crer que o casamento e filhos não seriam um impeditivo direto para os estudos.

Tal situação torna evidente que os homens sempre tiveram uma posição privilegiada perante a sociedade, enquanto que as mulheres ficaram sujeitas à subordinação dos espaços familiares, confinadas na função da maternidade. “Essa forma de divisão sexual ocorre a partir de dois princípios: o princípio da separação - existem trabalhos de homens e de mulheres – e o princípio de hierarquização – um trabalho de homem vale mais que um trabalho de mulher” (KERGOAT, 2003, p. 56). Isso nos ajuda a entender o fato de alguns cursos do PROEJA apresentarem somente homens e outros somente mulheres.

3. Os motivos da interrupção anterior dos estudos

Dentre os motivos apresentados para justificar a interrupção dos estudos, o casamento e os filhos foram os mais citados numa proporção de 40% (33) colocando a constituição da família e filhos, na fase escolar, como o maior obstáculo à continuidade dos estudos. Esse motivo foi predominante entre as mulheres, sendo apontado somente por um homem. O segundo motivo mais citado foi a dificuldade em conciliar trabalho e escola (38% – 32), com predominância entre os homens, embora 12 mulheres tenham também apontado esse motivo (TABELA 2).

TABELA 2 - MOTIVO DA INTERRUPTÃO DOS ESTUDOS ANTES DE RETORNAR AO CURSO TÉCNICO DO PROEJA.

Motivos	Números, médias e porcentagens n=85
Por motivo de casamento	40% (33: 31 M e 1 H)
Não consegui conciliar trabalho e estudo	38% (32: 12 M e 20 H)
Falta de condições financeiras para ir à escola	9% (8: 6 M e 2 H)
A escola não atendia meus interesses	7% (6: 2 M e 4 H)
Não gostava de estudar	5% (5 M)
Dificuldade para aprender / Escola não atendia	1% (1 M)

FONTE: Dados coletados na pesquisa – M = Mulheres; H = Homens.

Esses dados destacam que os motivos citados pelas mulheres para interrupção dos estudos, em fase anterior ao PROEJA, foram diferentes dos

motivos alegados pelos homens. Para as mulheres, estão relacionados às questões familiares, enquanto que para os homens prevalece a questão do trabalho e a impossibilidade de concilia-lo com os estudos, sendo o trabalho a opção necessária naquele momento.

Ambos os pensamentos seguem uma linha ideológica culturalmente aceita que impõe a responsabilidade do cuidado da família à mulher e uma aceitação inconsciente e não questionada pelas mesmas, assim como, o provimento dos recursos aos homens como algo inerente a seu papel de homem, o que poderia ser explicado por Chauí (1986) como,

Um dos traços fundamentais da ideologia que consiste, justamente, em tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas (p. 10-11).

Ao tentar explicar os motivos que os afastaram da escola, esses homens e mulheres reafirmam as condições socioculturais e econômicas que os orientam em suas ações.

4. As razões da procura pelo PROEJA

Os relatos dos homens e mulheres entrevistados ao discorrer sobre as razões da procura pelo PROEJA revelaram as expectativas e esperanças depositadas para conseguir emprego e melhorar de vida. O motivo mais citado, tanto pelos homens quanto pelas mulheres entrevistadas, foi *para ter uma profissão e concluir o Ensino Médio*. Esse motivo associado a *por apresentar também o curso técnico*, totalizou 42% das razões da procura pelo PROEJA (TABELA 3). Esse fato assinala como ponto alto do interesse no curso a sua forma integrada (Ensino Médio e formação profissional, uma vez que representou o motivo da busca pelo curso por quase a metade dos participantes.

TABELA 3 – RAZÕES DA PROCURA PELO PROEJA.

Razões da procura pelo PROEJA	Números e porcentagens n=85
Ter profissão / Concluir o Ensino Médio	35% (30: 17 M e 13 H)

Para ter uma profissão	20% (17: 11 M e 6 H)
Concluir o Ensino Médio	15% (13: 9 M e 4 H)
Por ser junto com o curso técnico	7% (6: 4 M e 2 H)
Melhoria de vida	7% (6: 5 M e 1 H)
Para aprender	5% (4 M)
Foi a oportunidade que surgiu	5% (4: 3 M e 1 H)
Para concluir o Ensino Médio / aprender / mudança de vida	6% (5 M)

FONTE: Dados coletados na pesquisa. H = homens; M = Mulheres.

A busca pela conclusão do Ensino Médio e o objetivo de ter uma profissão foram bastante representativos tanto para os homens como para as mulheres entrevistadas, sendo que essas mencionaram também a vontade de aprender como justificativa da opção pela formação do PROEJA.

5. A situação de emprego e a continuidade dos estudos após o PROEJA

Com relação à situação de emprego verificada entre os egressos, a maioria (79%) estava empregada e 21% desempregados. Das 57 mulheres que participaram da pesquisa, 42 estavam trabalhando e 15 estavam desempregadas, enquanto entre os 28 homens, 25 estavam trabalhando e somente 3 estavam desempregados.

Para Abramo (2003, p.111), na América Latina, entre as décadas de 1960 a 1990, “o número de mulheres economicamente ativas triplicou, aumentando de 18 para 57 milhões”; apesar disso, não se viu, na mesma proporção, uma diminuição das desigualdades profissionais entre homens e mulheres, inclusive no que diz respeito às questões salariais.

Porém, a mulher vem aumentando cada vez a sua participação nas frentes produtivas, principalmente, em áreas que exigem Ensino Médio completo. Os dados da RAIS (2012) no Brasil mostram que “do total de mulheres com novos empregos 59,7% têm Ensino Médio completo e 45,9%, ensino superior completo. Em relação ao Ensino Médio, foram 450 mil mulheres a mais com essa formação inseridas no mercado de trabalho no período e com ensino superior completo, foram 346,7 mil”. Portanto, fica claro o empenho das mulheres em obter o seu espaço, conforme também verificamos entre as alunas egressas.

A visão masculina de mundo se coloca como um elemento facilitador para a entrada de homens nas diversas áreas profissionais, configurando uma situação de vantagem para os mesmos e desvantagem para as mulheres, conforme o relato de uma aluna egressa “existe muito preconceito contra mulher nessa área, sempre a vaga que surge é para o homem, mas eu continuo insistindo” (MARIA – Curso Técnico em Construção Civil). A naturalização desses fatos contribui para que os mesmos não sejam percebidos enquanto forma de violência simbólica que coloca as mulheres em desvantagem no campo do trabalho.

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo... (BOURDIEU, 2002, p.15).

Para esse autor, a visão androcêntrica acaba desestimulando as mulheres a seguirem carreiras científicas ou técnicas. Além de injusto, desconsidera que as mulheres possam ter as habilidades necessárias ao desempenho da função. Em determinadas áreas, como Construção Civil, conforme citou a entrevistada, as dificuldades são grandes, uma vez que são consideradas áreas estritamente masculinas. Nesse caso, na hora da contratação, a questão do gênero acaba prevalecendo em detrimento da formação realizada, dificultando a entrada das mulheres em determinados postos de trabalho.

Dentre os egressos e egressas que informaram estarem empregados, 78% apresentavam carteira assinada e 22% estavam trabalhando sem carteira assinada. Também aqui observamos uma situação mais favorável para o gênero masculino, os quais representam 13% dentre o percentual sem carteira assinada, e as mulheres 28%, sem o devido contrato de trabalho em carteira. Dentre as entrevistadas que não tinham carteira assinada, a maioria estava trabalhando como autônoma nas mais variadas formas, como: fazendo doces para festas, trabalhando como doméstica em residência e como costureira, enquanto que os homens estavam atuando como vendedor, tatuador, etc.

A ocupação mencionada pelos egressos nos seus relatos foi bastante diversa. Para termos uma visão geral das atividades de trabalho desenvolvidas foi necessário fazer alguns agrupamentos. Chamou-nos a atenção o fato de dez egressos estarem atuando na área da formação técnica realizada, o que significa um percentual de 12% do total de entrevistados. Desse total, dois eram homens, sendo um técnico em Informática e outro técnico em Construção Civil. Atuando como Técnico em Enfermagem encontramos sete mulheres e um homem. Isso demonstra que existe um potencial maior de inserção no setor saúde sobre os outros setores.

Alguns egressos de Eletromecânica (homens) nos informaram que não estavam atuando na função técnica, uma vez que não havia essa função no organograma da indústria, porém, estavam atuando na área de formação em manutenção e na função de operadores. No curso técnico em Nutrição, todas eram mulheres e nenhuma estava atuando como técnicas, duas egressas disseram atuar como merendeira e atendente de lactário, em trabalho que deveria ter o reconhecimento técnico, porém não havia esta função (TABELA 4).

TABELA 4 - OCUPAÇÃO INFORMADA PELOS EGRESSOS DO PROEJA.

Ocupação	Nº	%
Agente de saúde	4 M	4,8
Encarregado de expedição / operador	8 H	9,4
Manutenção de computadores / Programador	3 H	3,6
Manutenção industrial /metalúrgico	5 H	5,9
Mestre de obras / pedreiro / eletricista	6 H	7
Representante comercial / vendedor / ourives	5 (4 M – 1 H)	5,9
Secretária / auxiliar de escritório	5 M	5,9
Serviços gerais / zelador / doméstica merendeira / dona de casa	14 (12 M – 2 H)	16,7
Técnico em Enfermagem	8 (7 M – 1 H)	9,4
Técnico em Construção Civil	1 H	1
Técnico em Informática	1 M	1
Autônomo	6 M	7
Não respondeu	19 (18 M – 1 H)	22,4
Total	85	100

FONTE: Dados coletados na pesquisa.

Dentre as ocupações informadas pelos egressos no momento da entrevista, podemos observar que a maioria está relacionada com o setor de serviços, o que corrobora os estudos realizados por Pochmann, nos quais esse autor afirma que o setor de serviços é o responsável por cerca de 70% das ocupações geradas, devido à terceirização da economia. Segundo esse autor,

trata-se de uma nova configuração do mercado de trabalho que implica inclusive no surgimento de outra classe trabalhadora, submetida a graus de exploração mais sofisticados do que aqueles que vigoravam quando a indústria era o centro da geração dos postos de trabalho” (POCHMANN, 2012, p. 23

Destaca-se a atuação das mulheres principalmente na área da saúde; em serviços domésticos ou outras ocupações mais secundarizadas do setor de serviços, enquanto que as funções de encarregado, coordenador e outras da área da indústria foram mencionadas pelos homens. Quanto à renda mensal, foi predominante entre os egressos o recebimento entre um e dois salários mínimos (68%) (TABELA 5), o que condiz com o quadro geral de remunerações decorrentes do aumento de emprego na base da pirâmide social.

TABELA 5 - RENDA MENSAL INFORMADA PELOS EGRESSOS DOS CURSOS TÉCNICOS DO PROEJA

Renda mensal	Números e porcentagens n=68
Até 1 SM	3% (2 M)
Acima de 1 SM até 2 SM	68% (46: 34 M – 12 H)
Acima de 2 SM até 3 SM	20% (14: 8 M - 6 H)
Acima de 3 SM até 4 SM	6% (4 H)
Acima de 4 SM	3% (2 H)

FONTE: Dados coletados na pesquisa. SM = Salário mínimo

Nos dados levantados entre os egressos, encontramos também o percentual de 3% do total de entrevistados com renda mensal de mais de quatro salários mínimos; na mesma proporção, encontramos aqueles com renda mensal inferior ao mínimo. Os egressos que informaram receber mais de quatro salários mínimos são: três homens do curso de Eletromecânica, os quais estavam trabalhando na área específica do curso realizado, um do curso

técnico em Secretariado, o qual trabalha como vendedor e outro do curso técnico em Informática, que trabalha como autônomo.

A remuneração mais elevada foi na área de Eletromecânica, ou na área de indústria de uma forma geral, pode ser explicada pelo alto nível de especialização exigido para a atuação, o que confere maior reconhecimento dessa área. Por outro lado, a renda mensal inferior a um salário mínimo foi informada por uma egressa do curso de Agente Comunitário de Saúde, que trabalha na limpeza de um escritório. Essa entrevistada justificou o valor recebido por cumprir a metade da jornada.

Ao relacionar o salário mensal com o gênero, observamos que a maioria dos egressos que disseram receber um e dois salários mínimos (56%) eram mulheres, enquanto que os homens (35%) foram a minoria nessa faixa salarial. Para o valor entre dois e três salários mínimos houve uma inversão: as mulheres (7%) foram a minoria e os homens (25%) a maioria.

Assim, os dados mostraram que entre os egressos pesquisados, as mulheres estavam recebendo salários menores que os homens, apesar do mesmo nível de estudo e formação técnica.

Uma relação importante sobre o histórico do salário das mulheres foi realizada pela pesquisa mensal de emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2013, a qual mostra que em 2003 as mulheres ganhavam em média 70,8% do salário dos homens; em 2012, o percentual subiu para 72,7%. Esses dados, assim como os dados da nossa pesquisa, tornam evidente que ainda existe uma diferença considerável entre os salários pagos às mulheres e aos homens, sendo maior para os homens, não obstante o aumento da participação e qualificação feminina.

Cruzamos a renda mensal com a faixa etária e verificamos que a maioria dos participantes com renda mensal entre um e dois salários mínimos (predominante) estavam na faixa etária entre 31 a 40 anos e eram mulheres. Já a renda mensal de mais de 3 salários foi informada por 6 participantes homens que estavam com mais de 40 anos.

Comparando o número de egressos desempregados com o tipo de curso técnico realizado, podemos inferir que a maior proporção de desempregados ocorreu entre os egressos do curso técnico em Agente Comunitário de Saúde, sendo todas mulheres. Esse curso, embora esteja inserido no cadastro

Nacional dos Cursos Técnicos, não apresenta a regulamentação em órgãos de classe para a definição da atuação profissional, podendo a função ser ocupada por outros profissionais que não apresentam a formação. Outra possível razão para o maior desemprego nessa área é a oferta do curso ter ocorrido em um município pequeno, com menores oportunidades de trabalho. Nesses municípios, o campo de trabalho para os profissionais fica restrito à Prefeitura Municipal, a qual apresenta poucas vagas.

Por outro lado, a menor proporção de desempregados ocorreu em Administração, o que reforça a ideia de um curso “versátil” no qual os profissionais de ambos os gêneros podem atuar em vários ramos empresariais e funções. Outra interpretação possível para o menor desemprego nessa área é a grande expansão do setor de serviços no qual esses profissionais encontram variadas oportunidades de trabalho.

Com relação aos egressos que deram continuidade aos estudos, observamos que cinco eram homens do curso técnico em Eletromecânica, destes, quatro estavam fazendo curso superior na área de Gestão de Processos Industriais e Tecnólogo em Mecânica e um estava no curso técnico em Eletrônica. Dos egressos do curso de Enfermagem, duas mulheres estavam fazendo o curso técnico em Segurança do Trabalho e outra, o curso de Instrumentação Cirúrgica. Das egressas de Nutrição, duas estavam fazendo curso superior em Fisioterapia e Processos Industriais e outra continuou os estudos em curso técnico em Enfermagem. Dentre as egressas do curso de Agente Comunitário de Saúde, duas também estavam fazendo curso técnico em Enfermagem e uma o curso de Administração. Essa cursava o ensino superior na mesma área técnica.

Com relação à continuidade dos estudos, verificamos que 66% dos egressos pesquisados não tiveram oportunidade para dar continuidade a sua formação, após a conclusão do curso técnico do PROEJA, principalmente por motivos financeiros, conforme expressaram. Dentre os 11% que continuaram os estudos em nível superior, 5% estavam em cursos na mesma área da formação técnica e 6% em área diferente. Outros 21% informaram estar fazendo mais um curso técnico, em outra área e quase sempre na mesma escola. Outros 2% não manifestaram interesse em continuar os estudos,

certamente por já estarem numa situação estabilizada de vida na qual o curso técnico é suficiente.

O maior impeditivo para a continuidade dos estudos, em nível superior, segundo relataram os egressos, foi o fator econômico aliado à inadequação da formação no que diz respeito ao vestibular, o que não significa que seja uma formação minimizada, uma vez que não é esse o foco do PROEJA. Segundo Bourdieu (1993) o sistema escolar resulta de atos de ordenação que, por um lado, instituem uma relação de ordem, em que os eleitos são marcados por sua trajetória de vida e sua pertinência escolar e uma relação de hierarquia onde esses mesmos eleitos transmutam-se em nobreza de escola ou nobreza de Estado.

6. Considerações finais

O fato da maioria dos egressos do PROEJA entrevistados serem mulheres e que elas foram a maioria nos cursos pesquisados, não significa que houve uma mudança radical em comparação a épocas anteriores, quando esse direito era negado às mulheres. Os esquemas de dominação androcêntrica permanecem, apesar da aparente mudança no contexto sociocultural da atualidade. Essa dominação tem alicerces na família, no Estado, na igreja e na escola, com níveis diferenciados de dominação em cada época histórica determinando a estrutura da vida em sociedade.

Em cursos como os da área da indústria, todos os entrevistados foram homens, enquanto que os cursos da área da saúde, a grande maioria foram mulheres. Tais fatos, observados nos relatos de homens e mulheres egressos dos cursos técnicos do PROEJA, evidenciam a existência de uma divisão sexual do trabalho, com funções específicas para serem exercidas por homens e mulheres. Nessa linha, às mulheres ficam os postos trabalho menos valorizados socialmente, com menores salários, e aos homens os postos mais elevados e salários mais altos.

As razões que levaram a interrupção anterior dos estudos para os homens foram relacionados ao fato de não poder conciliar os estudos com o trabalho, enquanto que para as mulheres foi o casamento precoce e o cuidado com a família. A procura do PROEJA, tanto para os homens quanto para as

mulheres foi para concluir o Ensino Médio e conquistar uma profissão, embora as mulheres tenham citado também o interesse em aprender mais.

Portanto, conceitos e dogmas sexistas foram incorporados em seus relatos, tanto por homens quanto por mulheres, em pensamentos e ações que expressão uma violência simbólica, nem sempre percebida, mas naturalizada, aceita e consentida.

Referências

ABRAMO, P. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

BARBOSA, M. J. Reflexões de educadoras/es e educandas/os sobre a evasão na escolarização de jovens e adultos. In: **Educação de Jovens e Adultos: o que dizem as pesquisas**. PAIVA, J.; BARBOSA, M. J.; FERREIRA, W. B. (Org.). Recife: Gráfica Jorge Luiz Vasconcelos, 2009.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Relação anual de informações sociais – RAIS, 2012. Disponível em: www.rais.gov.br. Acesso em 26/09/13.

BOURDIEU, P. **Miséria do Mundo**. Editora Vozes. Petrópolis. 1993.

_____. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CHAUÍ, M.. *O que é ideologia*. 22ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa mensal de emprego**. 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>, Acesso em 04/01/14.

KERGOAT, D. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In: **Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: desafios para as Políticas Públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

POCHMANN, M. **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2012.

